

O CORPO COMO SUPORTE TEXTUAL-DISCURSIVO

Ananias Agostinho da Silva¹

Ao longo do tempo, o corpo tem se constituído como materialidade de análise e de estudo nas mais diversas áreas do conhecimento, que tentam compreendê-lo, explicá-lo e representá-lo de diferentes maneiras e com diferentes objetivos. Nas ciências biológicas e da saúde, o corpo tem sido estudado a partir de suas múltiplas funções mecânicas, físicas e bioquímicas. Nas ciências exatas, o foco da investigação recai sobre os movimentos do corpo e sua relação com o espaço, tempo e força gravitacional. Nas ciências sociais, o estudo do corpo se dá a partir de sua relação com a sociedade e com o espaço geográfico. Por último, nas ciências humanas, o estudo sobre o corpo apresenta um leque tão amplo que cada campo do saber parece estabelecer metodologias específicas para estudar o corpo a partir de focos ou perspectivas também distintas (mas não, muitas vezes, antagônicas).

Assim sendo, dado a multiplicidade de perspectivas que o tomam como materialidade de investigação, o corpo parece sempre ter sido objeto de análise e reflexão. Entretanto, conforme pontua Greiner (2008, p. 15-16), em termos de pesquisa científica e de um olhar mais teorizado sobre o objeto, a importância de estudo do corpo iniciou-se, principalmente, no século vinte:

nota-se uma diferença gritante no que diz respeito ao entendimento e aos modos de descrição do corpo, sobretudo a partir do começo do século XX. Mas a história do corpo, como todas as outras, não é sequencial [...] isto porque, o modo como um corpo é descrito e analisado não está separado do que ele apresenta como possibilidade de ser quando está em ação no mundo. Além disso, torna-se cada vez mais evidente que o próprio exercício de teorizar também é uma experiência corpórea [...].

Já no final do século dezenove, o corpo vive um processo de espetacularização, caracterizado pela exposição exagerada de sua beleza e de sua monstruosidade. A título de ilustração, Courtine (2008) faz referência ao espetáculo e comércio de monstros que popularizaram a indústria do divertimento popular na Europa e na América do Norte, principalmente no início do século, através de espetáculos lucrativos.

A partir de então, mais acentuadamente no início do século vinte, o corpo passa a ser percebido como espaço de representações sociais, políticas e culturais de determinado povo. Os principais movimentos culturais e artísticos desse período, por exemplo, tomaram o corpo como forma de manifestação de sentimentos, expressões ou pontos de vista. Em outros casos, o corpo foi utilizado como elemento demarcador e delimitador de uma identidade cultural, por meio da impressão de marcas gráficas (tatuagens) ou mesmo a partir das vestimentas e adornos. Em

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET) e do Grupo de Pesquisa em Análises Textuais dos Discursos (ATD). E-mail: ananiasgpet@yahoo.com.br.

outros ainda, o corpo passou a ser utilizado como forma de protesto, de revolta ou de indignação – o corpo nu, por exemplo. Em todos esses casos, e ainda em outros, o corpo é concebido como um espaço de visualização simbólica do discurso (GREINER, 2008), espaço de manifestação de práticas discursivas.

Este corpo considerado como unidade de discurso não corresponde ao corpo que fala, que trabalha, que vive. Não é o corpo que pratica esportes, que se deixa ver nas fotos de família, que se deita no sofá. Não é, pois, o corpo que vive as práticas diárias e corriqueiras, autômatas ou refletidas como andar, transar, comer, dormir ou ler. O corpo com suas funções biológicas, que exerce suas práticas sócio-históricas do cotidiano não é ainda o corpo do discurso (MILANEZ, 2006). O corpo do discurso, segundo este autor, se constitui enquanto tal a partir de sua evidência histórica, de seu *status* material, da posição social que assume. Ao olhar para este corpo, necessário se faz considerar “o lugar no qual ele se insere, a data que ele marca, enfim, estabelecer os limites que fazem com que ele apareça ali naquele momento, naquele lugar e não em outro” (p. 215). É, pois, um corpo situado. E, assim sendo, não constitui uma simples prática corporal, mas uma prática discursiva.

Esta forma de se conceber o corpo foi pensada por pesquisadores adeptos da corrente teórica denominada de análise do discurso de orientação francesa, principalmente a partir dos trabalhos do filósofo Michel Foucault, e tem sido comumente aceita nesta e em outras áreas do conhecimento. Na semiótica, na psicologia, na área de comunicação social e nos estudos culturais, por exemplo, facilmente são encontrados trabalhos de pesquisa que tomam o corpo como dispositivo do discurso, é claro que com interesses e finalidades específicos, correlatos às demandas de cada uma dessas áreas do conhecimento. Portanto, a concepção de corpo elaborada pela análise do discurso de orientação francesa constitui uma noção multidisciplinar.

Em outras disciplinas, a noção de corpo parece ainda não estar bem desenvolvida, tal como ocorre com a linguística do texto, por exemplo. Prova disso é que são escassos os trabalhos nesta área que tomam o corpo como objeto de análise ou investigação. Neste ponto, chegamos ao objetivo primordial deste ensaio, qual seja, discutir a noção de corpo na linguística do texto. Sumariamente, nosso intento é buscar compreender qual o lugar desta noção dentro dos estudos do texto.

Particularmente, enquanto linguista do texto, também compreendo o corpo espaço ou lugar de representação de discursos e sentidos, porque, antes de mais nada (isto é, antes de ser um conjunto elementos físico-biológicos) , todo corpo está situado em determinado contexto sócio-histórico, marcando, portanto, uma posição. Entretanto, diferente da análise do discurso de orientação francesa, que se dedica ao estudo dos discursos e dos sentidos materializados no corpo, a linguística do texto, além destes aspectos, ao meu ver, também deve se interessar pela materialidade do corpo. E materialidade aqui não deve ser compreendida como conjunto de músculos e estruturas ósseas que dão sustentação ao corpo e lhes permitem a dinâmica do movimento. À física cabe este estudo. Estou compreendendo materialidade enquanto grupo de formas, ao mesmo tempo, físicas e institucionais, que asseguram ao discurso sua enunciabilidade.

Pensando em sua materialidade, na linguística do texto, o corpo pode ser concebido como um suporte textual-discursivo. Ora, se o corpo representa discursos, se todo discurso é enunciado a partir de um gênero e se todo gênero possui um suporte², condição para sua circulação social, logo, os discursos que são representados no corpo possuem o próprio corpo como suporte.

Marcuschi (2003, p. 10) definiu o suporte de um gênero como “um lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”. De modo sumário, pode-se dizer, a partir da definição deste autor, que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto ou discurso. Depreendem-se, desta definição, três aspectos característicos do suporte:

- a) suporte é um lugar físico ou virtual
- b) suporte tem formato específico
- c) suporte serve para fixar e mostrar o texto.

Ora, o corpo constitui um lugar físico real, apresenta um formato específico – tal quais outros suportes, como jornal, revista, livro outdoor – e serve para fixar ou apresentar textos e discursos e torna-os acessíveis para fins comunicativos, mesmo não sendo esta sua função básica. Portanto, a partir desses aspectos, na linguística do texto, o corpo pode ser considerado como um suporte textual-discursivo. É claro que não se trata de um suporte convencional ou prototípico, mas de um suporte incidental – recorrendo aqui à terminologia de Marcuschi (2003). Os suportes incidentais podem apresentar ou trazer textos, mas originariamente não foram produzidos como sendo destinados a esse fim de modo sistemático nem na atividade comunicativa regular. Trata-se apenas de meios casuais e que emergem em situações especiais ou até mesmo corriqueiras, mas não são convencionais.

A seguir, tento argumentar na defesa da tese de que o corpo pode ser concebido como um suporte textual a partir da ilustração de duas imagens:

² Alguns gêneros possuem suportes indefinidos, como os gêneros orais, por exemplo. Os gêneros escritos ou os multimodais, por sua vez, possuem suportes delimitados.



Figura 01: Ensaio Arrepio

Imagem disponível em: <http://catracalivre.com.br/geral/promocao-catraca/indicacao/declare-seu-amor-por-drummond-e-ganhe-um-quadro-de-poesia/>

Foto: Simone Monte

A foto acima apresenta a homenagem de uma modelo ao poeta Carlos Drummond de Andrade por seu centésimo décimo aniversário. Em seu corpo, foram tatuados versos do poema “Não quero ser o último a comer-te”, escrito pelo poeta mineiro. Como sabemos, na maioria das vezes, os poemas são veiculados em livros ou coletâneas organizados por um ou mais autores, entretanto, neste caso, o corpo da modelo funciona como suporte textual-discursivo que veicula os versos poéticos. O mesmo ocorre com a imagem abaixo, só que, desta vez, com o gênero textual-discursivo propaganda:



Figura 02: Propaganda vesga

Imagem disponível em: <http://carnaval2008.terra.com.br/interna/00I2335249-EI10736.00-Com+peladona+Pagodart+poe+publico+para+requebrar.html>

Foto: Antônio Reis

Convencionalmente, as propagandas são veiculadas em outdoors, revistas, folders, dentre outros suportes, como forma de divulgação de um dado produto. Neste caso, rompendo com o uso desses suportes convencionais, a propaganda da “Ótica Diniz” (gênero textual-discursivo) está sendo veiculada pelo corpo da dançarina Daniele Martins, em desfile no carnaval carioca.

Nestes dois casos, os corpos da modelo e da dançarina, respectivamente, funcionam como suportes que permitem a circulação dos dois gêneros textuais-discursivos citados anteriormente: poema e propaganda. Além disso, os corpos também contribuem para a construção de sentido nos textos veiculados, provocando efeitos não encontrados de quando da circulação de gêneros como estes em suportes prototípicos. Na primeira imagem, por exemplo, pode-se inferir uma série de enunciados a partir da relação do poema com o suporte. A título de ilustração, o corpo seminudo da modelo e a sensualidade de sua boca possibilitam construções de sentido para o verbo comer que vão além de seu sentido dicionarizado – mastigar e engolir algo. Neste caso, o verbo pode ser concebido como o desejo de se praticar relações sexuais com alguém, sendo o corpo da modelo o objeto deste desejo. Assim, a circulação de um texto em um suporte não convencional para o gênero a qual pertence pode resultar na construção de efeitos de sentido diferentes e, algumas vezes, não esperados.

Acredito que as ilustrações e explicações até aqui realizadas foram suficientes para demonstrar que o corpo pode ser concebido como um suporte textual-discursivo de gêneros pertencentes a domínios diversos – como o poema e a propaganda aqui ilustrados. Pensando o suporte como elemento relevante para o estudo de determinado gênero, na linguística do texto, a compreensão de corpo como suporte textual é necessária para análise e interpretação de uma diversidade de gêneros que são veiculados por este suporte. Mesmo assim, sou consciente de que muita coisa ainda precisa ser dita sobre a questão. Meus apontamentos constituem muito mais

provações sobre o tema do que afirmações assertivas propriamente ditas. Estou querendo apenas iniciar a discussão.

REFERÊNCIAS

COURTINE, J.; VIGARELLO, G. Identificar traços, indícios, suspeitas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Ed.). **A História do corpo**: as mutações do olhar. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3, p. 341-361.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. 3. ed., São Paulo: Annablume, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. Mimeo, 2003b.

MILANEZ, N. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. (Ed.). **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 153-179.